



MAGNETICA

REVISTA DIGITAL

EDIÇÃO 00 | DEZ. 24



Manifesto

Altura, abertura e profundidade

MAGNÉTICA é uma plataforma para a criação, produção, editoração e divulgação de textos escritos pelos seus participantes. Textos com a gravidade, a luz, o ritmo - o fluxo da mente, do espírito - de quem com ela quiser seguir.

O foco é o ato de escrever como meditação ativa e criadora, a experiência do instante como expansão, extensão do pensamento: que as frases, temas e ideias se façam como o meio, e o fim seja tecido de si mesmo nos muitos caminhos e formas de cada um.

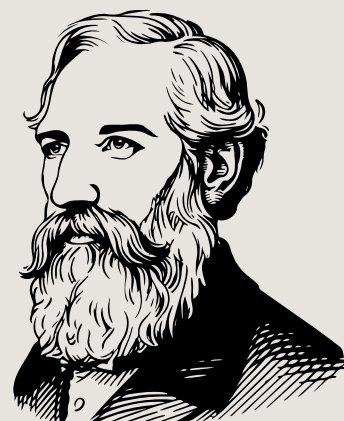
E que não se invista na trama do que contrai, do que repele, do que reduz, do que falseia; do que distorce, do que separa, do que condena. Nenhum símbolo do que não é deve aqui ser ampliado.

OS ATRAÍDOS

Meu nome é Eliana, com A no final, se não quiser confundir, pode me chamar de Eli. Tenho 56 anos, uma filha e três gatos. Magnética, o que me atrai são as cores, as artes, boa comida, bons amigos, viagens. Me causam repulsa a desigualdade, as injustiças, as coisas mal feitas, o cheiro do ralo e baratas.



Sou Mario. Sem acento no "a", mas aceito se você o colocar. Tenho 56 anos. Geminiano com ascendente em Capricórnio. Não acredito em horóscopo, mas me divirto. Magnético, sou atraído por todo tipo de conhecimento e novas linguagens. Repilo a injustiça, a desonestidade e todo um espectro de escatologias.



Sou Paula Bessa. Cinquenta anos em janeiro... capricorniana. E, talvez por isso, brava, teimosa e rígida à beça. Recentemente, descobri o quanto os dois "esses" do meu nome suavizam meu caminho. Gosto das possibilidades das curvas acentuadas que esses dois circuitos lado a lado me oferecem. Magnética, adoro o tempo das reticências e de contar detalhadamente uma história. Então, estranho quem diz "texto muito longo"... me parece sempre, no mínimo, curioso.



Meu nome é Renato. Tenho 62 anos e já nasci algumas vezes nesta vida - daí o nome. Magnético, sinto atração por coisas secas: substantivos, desertos, estradas de terra e uva passa. Sinto repulsão por coisas gosmentas: diminutivos, jiló, jaca, lesma e o Alien ao nascer.



Meu nome é Sérvio, Sérvio Túlio, com 'v'. Não 'g'. 'V'... sim, com 'v' mesmo. Não foi erro no cartório, nem pais criativos, mas o avô que ensinava latim. Tenho 54 anos. Magnético, me atrai o rigor do que inclui, do que explica, do que conecta; a linguagem, as gramáticas, as equações. Tenho repulsa regurgitante a tudo que na frase "na prática a teoria é outra" pode estar implícito, oculto ou atolado.



ÍNDICE

Na Curva dos 60

Renato Guimarães Ferreira

6

Os Dois Contos de Fadas

Paula Bessa

10

Colcha de Retalhos

Eliana Bianco

12

Disclaimer

Sérvio Túlio Prado Jr.

14

Escrever é se fazer existir

Mario Aquino

18

Na Curva dos 60

**Talvez uma sensibilidade maior ao frio,
desejo de voltar mais cedo para casa.
Certa demora em abrir o pacote de livros
esperado, que trouxe o correio.
Indecisão: irei ao cinema?
Dos três empregos de tua noite escolherás: nenhum.
“Indicações” – Drummond**

Só de pensar em escrever este texto eu travei. As palavras secaram, o tempo parou e tudo o que eu ouvia era o barulho dos carros passando na avenida aqui ao lado. Não havia canto de pássaros, ruído de folhas tocadas pelo vento ou gritos de crianças brincando na rua. Fazia silêncio no caminho que levava para dentro – só quebrado pela aceleração dos ônibus, o desespero das motos, o pedido de passagem das ambulâncias.

O destravamento foi lento, uma palavra de cada vez. Era como se eu ainda estivesse decidindo se queria mesmo falar sobre isso. Qual o sentido de dar forma ao ligeiro desconforto? De tornar mais nítidas as sensações que me atropelavam com alguma delicadeza, só sugerindo o que era evidente, mas a tudo envolvendo em certa bruma que lembrava tardes de inverno na montanha ou manhãs com nevoeiro na praia?

Mas foi assim. Ou melhor, mais ou menos assim, pois adicionei uma pitada de imaginação.

Houve um momento em que decidi parar de comprar livros. Fiz alguns cálculos simples e percebi que tinha livros não lidos em casa que me seriam plenamente suficientes, mesmo que vivesse mais quarenta anos (isso, sem levar em conta os que quero ler novamente). A começar pelos sete volumes do “Em busca do tempo perdido” – só li o primeiro e, perdido sem tempo, parei, com o firme propósito de retomar em algum momento do futuro. Bom, acho que já se foram umas duas décadas. E eu fico me perguntando: como é que se pode viver essa vida inteira sem ler o Proust? E sem reler o “Grande Sertão: Veredas” pelo menos mais uma vez (se der tempo, umas duas ou três)?

Houve um outro momento em que estava começando a planejar uma viagem de férias. Que alegria perceber que havia tantos lugares que gostaria de conhecer: Salar de Uyuni, o Japão, a Sicília, a Chapada Diamantina, os Lençóis Maranhenses, o Uzbequistão, a Patagônia, Curaçao, Tahiti... Ao mesmo tempo, me bateu uma vontade ainda maior de voltar a lugares nos quais vivi momentos importantes da minha vida – cidades ou regiões de que gosto demais e que queria muito revisitar: Berlim, Londres, Andaluzia, Atacama, Marrocos, Califórnia, Ilha de Páscoa, Nova York, Rio, Salvador... Os lugares iam aparecendo de maneira confusa, atrapalhada, sem nenhuma lógica geográfica ou temporal – eram só desejos, novos ou requentados. Mas ao mesmo tempo, uma certeza ia se impondo: por mais que viva com muita saúde por muitos anos, é bem provável que não haja tempo, disposição ou dinheiro para fazer tudo isso. E concluí: abaixe o facho, Renato, sossegue o pito.

Houve ainda outro momento em que alguém me disse que um certo cantor viria a São Paulo e que seu show seria algo absolutamente “imperdível”. Bem, pensei, imperdível mesmo? Por que seria mais “imperdível” do que o show de cada manhã, ou a flor que nasceu na esquina ontem à tarde ou o avião que cruzou o céu entre nuvens laranjas nesta manhã?

Um show imperdível, um filme imperdível, uma peça de teatro imperdível, uma festa imperdível, um restaurante imperdível. Nossa, já corri tanto atrás de coisas imperdíveis e acho que perdi a maioria. Aprender a perder é uma arte que se aprende quando se perde o medo de perder. Perde-se muito, mas também se acha coisa demais – os tempos nem sempre são conexos, mas não há problema algum nisso. Perco uma coisa hoje, encontro outra – que não tem nada a ver com a primeira – amanhã. Tenho exercitado cotidianamente essa arte, que ainda não domino – mas estou melhorando! Perdi o último filme daquele diretor sensacional? Pois é, perdi... Ao mesmo tempo, encontrei uma joaninha bem colorida atrás do meu travesseiro. Fiquei pensando: o que ela estava fazendo lá? Dizem que dá sorte. Tomara.

Você pode estar achando tudo isso muito cheio de pontas mal aparadas, com contradições e falta de um sentido unificador, e você tem razão. Se nada é assim tão “imperdível”, talvez a leitura do “Em busca do tempo perdido” e a releitura do “Grande Sertão: Veredas” também não o sejam. Como isso aqui não é um projeto de engenharia, mas de vida, meu contra-argumento é o seguinte: pois é! São coisas diferentes e para mim isso basta.

Ainda algumas ideias invadiram essa praia deserta, mas cheia de ondas e conchas. Eram ideias sobre o destino de certos desejos que foram acalentados em algum momento da vida. O apartamento com paredes de vidro e vista para o parque? A casa na praia? O refúgio na serra? O apartamento, que imaginava pequeno e próximo ao Central Park, em Nova York? Pois é, acho que não vai dar. Pelo menos, não desta vez (a não ser que ainda ganhe em alguma loteria – preciso começar a jogar). E tudo bem. O destino de alguns sonhos é mesmo permanecerem irrealizados e em transformação. Muitas vezes por serem absolutamente irreais, outras por

serem simplesmente surreais. De alguma forma, passei a compreender mais profundamente o sentido de uma frase do José Saramago: *“Gostar é provavelmente a melhor maneira de ter, ter deve ser a pior maneira de gostar. Há coisas que nunca poderão ser explicadas por palavras. Há esperanças que é loucura ter.”* Não sei aonde quero chegar com essa descrição de sensações que se tornaram mais frequentes quando ultrapassei a marca dos sessenta anos – talvez não queira chegar a lugar nenhum e deseje simplesmente perceber que estou aqui, tenho dois pés fincados no chão e observo, com os olhos cheios e brilhantes, a beleza do que estou e não estou fazendo neste momento. Daqui a pouco talvez eu leia um livro, talvez eu faça uma viagem, talvez eu vá ao cinema. Isto é e não é importante, pois começa a florescer em mim a certeza de que tudo vale a pena. Tudo mesmo, até o que não vale a pena. E eu acho que vi um pássaro cantando, interrompendo o barulho dos carros.



Renato Guimarães Ferreira

Os Dois Contos de Fadas

É difícil acreditar que exista alguém que se olhe no espelho em busca de uma imagem nova, fresca, livre de memórias ou expectativas. Quem eu busco me oferece algo que verdadeiramente preciso? Oferece algo útil ou simplesmente algo que me dê alegria? Absolutamente, não. A imagem que vejo não contém nada do que eu quero.

Todas as coisas que busco, aos meus olhos viciados e já desapontados, apenas me limitam ainda mais. Elas escondem de mim mesma o meu valor e acrescentam sempre mais um obstáculo diante da voz: “És a mais bela”.

Por que permitimos que a imagem do corpo condene quem verdadeiramente somos? Essa foi a pergunta que me sacudiu enquanto assistia o filme *A Substância*. Sou daquelas que traz a realidade das telas imediatamente para a irreabilidade da vida. Protejo o personagem que carrego comigo e sigo suando ao longo da jornada, ora acompanhada do Gato de Chehire, ora da Rainha de Copas, subvertendo qualquer regra ou lógica tão fortemente fixada por mim mesma entre universos tão absurdos.

Terminei o filme pronta para não mais praticar a famosa frase diante da minha projeção no espelho: “Espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu?” Decidida a abandonar os pensamentos sobre os valores que tenho dado ao mundo, penso que seria libertador deixar que a minha

própria imagem fale por si – livre dos propósitos que atribuí aos seus aspectos, fases e sonhos... soltando aquilo que eu desejei que fosse. Se não há uma famosa pergunta, não há uma resposta corrompida... e acredito que essa seja uma boa prática para quem deseja deslocar – só um pouco – a perspectiva da imagem de um mundo todo inteiro.

Paula Bessa



Colcha de Retalhos

Outro dia, num encontro com minhas alunas do curso de pintura, começamos uma conversa sobre nossa formação, nossos estudos. Uma fez Biomedicina, outras duas, Arquitetura; uma veio da História, outra começou na Física e foi parar na Arquitetura também. Aí a conversa chegou nos filhos. Um fez Direito, mas não exerce; outra é professora primária; um é médico; outro é engenheiro, mas imigrou...

Acho que a conversa surgiu porque uma delas estava indo a um encontro de 50 anos de formados na FAU. Parece que foi com dificuldade que conseguiram encontrar quase todos os alunos da turma. Alguns já morreram e muitos acabaram saindo da área e foram trabalhar com outras coisas. Aí fiquei pensando que a vida das pessoas é mesmo uma colcha de retalhos.

Eu mesma fiz técnico em secretariado no ensino médio, minha primeira faculdade foi Pedagogia, depois fui parar no Direito — até hoje não sei o que fui fazer lá, mas fiquei na área, odiando tudo por 15 anos. Aí veio a faculdade de Artes. Essa sim, era o que eu queria fazer... Mas não virei artista, virei professora, talvez voltando às origens da primeira faculdade.

Agora me pego escrevendo. Coisa que tinha certeza de que não sabia fazer. Culpa de uns amigos que, como ímã, fizeram grudar essa ideia magnética de escrever pelo ato de escrever.

Não sei onde vou chegar. Não sei nem como terminar este texto, nem se ele está fazendo sentido, mas me agrada essa mistura. Mais um retalhinho para a colcha das nossas vidas.

A stylized graphic consisting of several short, thick, black diagonal strokes of varying lengths, arranged in a fan-like shape to the left of the author's name.

Eliana Bianco

Disclaimer

Uma verdade: eu não sou sabido no tanto que eu queria ser - e que certamente deveria ser, para querer trabalhar assim com o tipo de ideia com o qual eu quero trabalhar. Ideias que valham realmente o tempo que nelas se aplique; ideias, por exemplo, sobre o tempo ele mesmo, e também sobre o tempo mesmo não existir...

Uma outra verdade, e essa agora conta a meu favor: eu sou pretensioso. Vem junto com uma dose desagradável de arrogância, mas o fato é que da preguiça ao menos a pretensão me levanta. Já a arrogância, ainda que velada, é só feita de arrogância mesmo. Não traz nada que preste para ninguém, especialmente ao emissor.

Bom, acho que aqui eu consegui um começo, uma autoapresentação: ignorância, pretensão, arrogância e preguiça - um disclaimer - no ensino de Mevlana Gil¹: *os meninos são todos sãos, os pecados são todos meus...*

Seguindo então aqui pela seara do sincero. Eu não sei que interesse pode haver para outros no que eu escrevo. São temas meus, em mim legião. O espírito, o pensamento, e aquilo que acho só agora mesmo descobri, na Internet, como sendo a “metafísica” – tudo o que não quero entender como dominado pelas regras das coisas, das formas do mundo, ao que se fabrica indutivamente como o consenso do real, do que se observa a partir de um ponto externo acordado, e esse sim imaginário, um “de fora” empírico ou em arame linguístico ancorado. Tudo aquilo que se usa para explicar as línguas, e as cidades. E as leis, os códigos e as filosofias. E para que se

construam palácios e templos. E universidades, nações, laboratórios, satélites. E para que se façam as guerras e as literaturas. Ainda assim, não há pessoa de útero nascida que tenha experimentado o mundo, a vida, de maneira objetiva. Fez isso a partir de si mesma, como o sujeito de tudo que há, de tudo que é. Subjetivamente, portanto. Não se aprende a nadar, ou andar de bicicleta, de maneira objetiva, triangulando com um “de fora” que a tudo mapeia e descreve. A respiração e o senso de gravidade são sempre de cada um.

É daí que eu parto então, no tamanho... *do que vejo, e não do tamanho da minha altura*². Kant, e até onde me sobra algum oxigênio, também Wittgenstein, teriam afirmado - pelas razões já aqui citadas, do que se faz consenso pela observação ou pela linguagem - que não valeria à pena ocupar-se com temas como os meus. Seria assim para eles impossível chegar-se a qualquer lugar que fosse a partir do que mais me anima a “seguir viagem”... Difícil.

Difícil pensar em oposição mais formidável. Tenho desviado de gente bem menos interessante a vida toda. Quanto tempo eu teria que estudar para saber se foi isso mesmo que eles disseram e depois tatear fissuras no pensamento de ambos? *Tatear fissuras em Kant e Wittgenstein*? A minha humildade me impressiona mais que o tamanho da tarefa que aqui para mim rascunho.

Esperança eu tenho de descobrir em Husserl algo me ampare. E em Schutz, Berger, Luckman e Luhmann³, e mais toda douda gente que eu sei a partir deles abriu uns outros tantos caminhos. *In phenomenology I trust*, pelo menos para a parte esquerda da minha equação, a que trata da construção histórica do que se quer perceber como concreto, observável e objetivo.

Serão anos. E anos. Aqui, o meu caderno de notas, o diário de bordo de tudo que eu conseguir aprender nesse terço final, espero, da caminhada toda. E para toda decepção, insistência. Simplesmente porque, de fato, “nada real pode ser ameaçado⁴”.

É por isso que a proposta de textos como processo, e o processo como um fim em si mesmo, é repleta de sentido para mim. É como construir um lugar em que cada um possa escrever para encontrar algo que já sinta conhecer, mas que ainda sente não ter acessado. Cartas que nos enviássemos de lugares onde já somos mais sábios.

Eles, os textos, são perguntas e o silêncio que lhes antecede é “preenche de palavras⁵.” Antecede, mas também permeia, e envolve, a compreensão. Porque sempre há algo mais a ser dito. Mas as respostas que esse instante antecipa são ainda só imaginárias. Imagens que não são nem som nem frase. E muito menos citações legítimas que confirmem os instintos de um diletante, e o protejam na vergonha que sente da própria vaidade.

Vergonha e vaidade, duas a mais para o disclaimer.

Notas:

(1)

O disclaimer que se fez foi quase involuntário, e nele eu quis revelar ao texto o que em mim se confirmava como inconsistente. Lembrei-me de imediato da ideia de nafs (نَفْس), um “sistema” de contraste em altura, abertura e profundidade de espírito utilizado por algumas ordens (ṭarīqas, طَرِيق) sufis em sua psicologia. O uso do termo aqui é preciso, uma vez que nafs pode ser traduzido como alma, ego, si-mesmo (self) ou psiquê (ψυχή). O segundo estágio da jornada da alma, nafs al-lawwāmah (النفس اللوامة) é aquele em que ela consegue “acusar-se” ao se ver presa a limites criados por suas próprias decisões.

A referência feita ao Gil, como “nosso mestre”, *Mevlana* – título dado àqueles que conseguem nos ensinar sobre o que o que de maior pode existir – é, claro, uma homenagem minha. Não vejo de que forma Rumi não lhe apreciaria a companhia.

Independentemente dos méritos do diagnóstico feito por mim sobre mim mesmo no texto, é exatamente esse tipo de processo que entendo ser o que a Magnética propõe no como “meditação ativa e criadora”; o instante de entendimento (insight), um ponto (em algum lugar da mente, em um pensamento feito linha) que, sem dimensão no tempo e espaço, passa a compreender, a conhecer, por conter dentro de si mesmo algo que lhe parecia alheio.

(2)

“Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do Universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer,
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...
Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.
Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,
Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe de todo o céu,
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos nos podem dar,
E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver”.

“O Guardador de Rebanhos”. In Poemas de Alberto Caeiro. Fernando Pessoa. (Nota explicativa e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1946 (10ª ed. 1993).

(3)

Aqui temos história já, Mário Aquino Alves e Renato Guimarães Ferreira, membros desta MAGNÉTICA!!! Eu e o Mário, no século passado ou nos primeiros anos deste, começamos a ler o Luhmann. E talvez um pouco depois disso, o Renato foi ao Chile, com a privilegiada companhia do meu mestre de guilda Brandão, para um workshop de vários dias em autopoiese, não lembro se com o Maturana, com o Varela ou com ambos... E há também a história, que até pouco tempo eu desconhecia, contada pelo Mário na despedida do Renato da Escola, em que ele falou do começo da amizade de ambos num grupo de estudo do Construção Social da Realidade, certamente na primeira metade dos anos 90.

(4)

“Nada real pode ser ameaçado.
Nada irrereal existe”.

“Introdução”. In Um Curso em Milagres. Foundation for Inner Peace (1994).

(5)

Silêncio

“Silêncio...
Silêncio preenhe de palavras...
Como o céu preenhe de estrelas...
Como um espelho preenhe de imagens...
Silêncio preenhe de vozes...
Silêncio preenhe de música...
Silêncio preenhe de cor...
Silêncio preenhe de silêncio...”

Quintana, M. (s.d.). Silêncio. In Poesias completas. Editora Globo.

Sérvio Túlio Prado Jr.



Escrever é se fazer existir

Outro dia conversávamos sobre a Magnética e sobre o processo de escrita. Falávamos sobre as dificuldades de escrever, sobretudo sobre o desafio de falarmos de nós mesmos, em primeira pessoa. Escrever é um movimento simultaneamente estético e individual. Colocamos a língua a serviço da nossa subjetividade, mas sem deixar de negociá-la com a subjetividade do leitor. É um jogo, um folguedo, no qual vamos construindo a imagem que projetamos de nós mesmos para os outros, que, por sua vez, também têm expectativas sobre o que estamos mostrando.

Esse jogo se aproxima do que Freud chamava de “eu ideal”, esse ser perfeito moldado pelo narcisismo dos pais desde que nascemos. Lá na nossa infância, tudo gira em torno de nós, de como somos o bebê mais lindo do mundo, e não uma “cara de joelho amassado”, como quase todo bebê tem. Crescemos acreditando na nossa excepcionalidade até que, por conta da nossa própria imersão no mundo, descobrimos que somos seres humanos com defeitos e vicissitudes. É a frustração dessa descoberta que nos faz caminhar para o “ideal de eu”, outra forma de projeção que vai incorporando os valores socialmente valorizados nas leis, normas e costumes. É um outro movimento narcísico.

Mas, antes que eu seja cassado pela Sociedade Brasileira de Psicanálise por exercício torto da profissão, eu paro por aqui! Vou voltar para a escrita propriamente dita.

A escrita individual é, em essência, o ato de talhar com base na apropriação de elementos do estilo dos outros a sua própria subjetividade. O nosso próprio eu. Evidentemente, somos livres para escrever o que e como queremos, mas não trilhamos necessariamente caminhos inéditos. Vamos trazendo nossas angústias, emoções, afetos e, por que não, observações da forma como os outros veem o mundo. Não escrevemos apenas sobre aquilo que queremos lembrar, mas, sobretudo, sobre aquilo que queremos que os outros se lembrem.

Aqui voltamos ao jogo da escrita. Para alguém como eu, que precisa assumir múltiplas personas no cotidiano – filho, pai, marido, professor, pesquisador, gestor, *social media*, entre outros –, a folha em branco me leva à angústia extrema de me fixar em uma única persona e em uma única forma de me expressar por vez. Bem fez Fernando Pessoa, que assumiu vários heterônimos ao longo da vida para escrever em estilos e sobre temas tão diferentes.

E, afinal, não é isso que o jogo da escrita nos proporciona? A possibilidade de sermos múltiplos, de experimentarmos formas, estilos e vozes sem que nenhuma delas nos aprisione. Outras existências. A folha em branco, apesar de angustiante, é também uma promessa: o lugar onde todos os eus cabem, mesmo que apenas por um instante.



Mario Aquino

INSCREVA-SE E RECEBA AS PROXIMAS EDIÇÕES




MAGNETICA

